

**A INFLUÊNCIA DOS ESTRANGEIRISMOS
NA LÍNGUA PORTUGUESA:
UM PROCESSO DE GLOBALIZAÇÃO,
IDEOLOGIA E COMUNICAÇÃO**

Miguel Ventura Santos Gois (UNIT)
mvs3001@gmail.com

INTRODUÇÃO

O estrangeirismo é uma constante nos processos culturais em todo o mundo a análise do papel da aquisição de empréstimos linguísticos permeia os processos de colonização e as migrações, numa miscigenação cultural que se processa geralmente sem a voluntariedade de mudanças na vida social, por parte dos moradores de um local.

As manifestações culturais dominantes receberam, durante séculos, contribuições advindas da chegada de outros povos, da importação de objetos, da utilização constante de termos associados a ações ou a expressões estrangeiras. Não há, entretanto, uma uniformidade em relação a se quantificar essa prática.

Se entre duas línguas, entre povos diferentes, ocorre imposição de um determinado termo, a coexistência entre ambas acaba por modelar o léxico da língua receptora. Há nesse caso um recorte analógico do mundo objetivo, inserindo-se num determinado contexto traços da língua-fonte, mesmo que esse traço não seja espacial, mas apenas linguístico. Essa ascendência de uma nação sobre a outra, caracterizadora do empréstimo, deixa marcas na língua, de modo que se promova uma conexão entre identidades culturais distintas, entre indivíduos e estruturas sociais, sob forte influência da base material da sociedade – muitas vezes até associadas ao poder político e econômico.

As discussões sobre a identidade do homem moderno permeiam vários estudos e pesquisas, uma vez que a globalização sugere que finalmente todas as possibilidades de comunicação estão abertas a um maior público em vários lugares. É dessa forma que o processo de interação e troca de informações entre os homens está tão imenso hoje em dia e com certeza crescerá mais ainda.

LÉXICO E SEMÂNTICA

Este estudo tem por objetivo investigar a relação entre o emprego de estrangeirismos e a imposição de uma identidade cultural, compreendendo-se que essa relação se apresenta como representação da própria relação social.

È nessa visão que os estrangeirismos estão presentes no português e estão mais do que nunca representando uma linha de pensamento de uma nação, sendo que ao estarem associados a um veículo de comunicação tornam-se vozes dos discursos de determinado veículo, mesmo que tudo seja feito de forma sutil, mas o discurso é a representação máxima da ideologia latente de tal.

LINGUÍSTICA E ESTRANGEIRISMOS

Um empréstimo representa generalizadamente a utilização de algo que pertença a outrem. Uma unidade lexical estrangeira, ao integrar a língua nacional, representa um empréstimo linguístico. A esse neologismo intitula-se estrangeirismo. À medida que passa a fazer parte da língua nacional, não mais sendo considerado estranho, esse empréstimo passa a constar, inclusive, nos dicionários. Para Garcez e Zilles:

Estrangeirismo é o emprego, na língua de uma comunidade, de elementos oriundos de outras línguas. No caso brasileiro, posto simplesmente, seria o uso de palavras e expressões estrangeiras no português. Trata-se de fenômeno constante no contato entre comunidades linguísticas, também chamado de empréstimo. A noção de estrangeirismo, contudo, confere ao empréstimo uma suspeita de identidade alienígena, carregada de valores simbólicos relacionados aos falantes da língua que originou o empréstimo (Garcez; Zilles, 2004, p. 15).

Essa enriquecedora utilização de unidades lexicais de outros sistemas linguísticos muitas vezes é adotada no momento em que se importam objetos ou modelos que não possuem nomenclatura equivalente na língua portuguesa. Para Câmara Júnior (1989, p. 269), os empréstimos abrangem “(...) todas aquelas aquisições estrangeiras que uma língua faz em virtude das relações políticas, comerciais ou culturais, propriamente ditas, com povos de outros países”.

Considerando-se que a escolha do vocabulário na construção de um discurso depende de fatores subjetivos, ressalta-se a importância que o emissor atribui ao emprego de vocábulos de outra língua.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Distinguem-se claramente a necessidade de emprego de estrangeirismos e a opção pelo uso como forma intencional de estruturar um discurso.

A sua inserção acontece em campo morfológico, não sintático, ou seja, insere-se um vocábulo de língua estrangeira em detrimento de um vocábulo nacional, mas as estruturas frasais não se corrompem. Mesmo assim, a opinião entre estudiosos se divide nesse ponto, havendo quem critique o uso abusivo de vocábulos e expressões estrangeiros.

Os períodos mais recentes, não obstante, indicam uma grande influência da língua inglesa no Brasil, mesmo que não se configure resultado de processo migratório. Há de se destacar que se evidencia uma presença maciça de vocábulos advindos da língua inglesa, por influência norte-americana, no país. Infante ressalta “Deve-se levar em conta que muitos empréstimos da língua portuguesa atual do Brasil não ocorreram em Portugal e nas colônias africanas, onde a influência cultural e econômica dos Estados Unidos é menor” (2001, p. 193)

Essa presença revela uma crescente absorção da cultura norte-americana, generalizadamente, como fruto do desejo de se estruturar um padrão de vida baseado no cotidiano americano. Evidencia-se um comportamento coletivo que permite às diversas áreas sociais e econômicas a exploração desse desejo como forma de imposição de determinados produtos, como é o caso da moda.

A não-vinculação do empréstimo ao processo migratório se faz principalmente pela ampla comunicação entre as nações, já que basta que um indivíduo empregue uma unidade linguística estrangeira em seu falar para que aconteça o fenômeno sociolinguístico. Nesse caso, a adoção de neologismos estrangeiros associa-se a uma valorização do empréstimo como elemento indicativo de elevada posição social ou de refinamento, num processo de estereotipagem e de dominação.

No que concerne à adoção maciça de vocábulos da língua inglesa, pode-se vislumbrar uma intencional utilização do estrangeirismo como busca de identidade cultural. Os Estados Unidos, metáfora de um excelente padrão de vida, estariam representados em seus vocábulos, como se estes fossem ícones daqueles. Infante (2001, p.

LÉXICO E SEMÂNTICA

193) destaca que atualmente, na língua portuguesa do Brasil “a maior fonte de empréstimos é o inglês norte-americano”.

O Brasil, assim como outras nações, não se esquivará da adoção desses neologismos. Tampouco há que se considerar que posicionamentos extremos sobre essa realidade sejam benquistos. Vale, acima de tudo, buscar a compreensão acerca da influência do estrangeirismo, do ponto de vista linguístico e de análise de discurso, na identidade cultural de uma sociedade.

O uso dos estrangeirismos

Embora o uso de empréstimos linguísticos não seja uma prática nova, é preciso salientar que, com as mudanças ocasionadas recentemente, houve uma modificação considerável no uso do estrangeirismo, pois, enquanto ferramenta, os aparatos tecnológicos de comunicação tornaram a troca de informações dinâmica em todo o mundo, mesmo entre as mais distantes nações. Para Hall “a ‘globalização’ se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de tempo-espaço, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado”. (2006, p. 67).

Uma vez que a economia e o mercado tenham se tornado globalizados, os produtos e os processos tecnológicos, uniformizados, exigem a utilização de termos e de vocábulos de compreensão também global. Mas não se trata apenas de uma necessidade econômica ou de trabalho: as comunidades globais também interagem por meio de uma universalização de linguagem que certamente privilegia uma língua mais elitizada em detrimento de outra considerada menor expressiva. Zilles aponta:

No campo das mudanças linguísticas, os empréstimos de palavras ou expressões são em geral associados a atitudes valorativas positivas do povo que os toma em relação à língua e à cultura do povo que lhes deu origem. Muitas vezes são utilíssimos à elite, que assim se demarca como diferente e superior [...]. Outras vezes, são felizes incidências na constituição identitária e cultural de um povo [...] (Zilles, 2004, p. 156).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

É de suma importância a abordagem da análise de discurso quando se observa a adoção dos empréstimos, tendo em vista que as considerações acerca da utilização do empréstimo linguístico estão intrinsecamente associadas ao universo simbólico inerente à linguagem cotidiana. Orlandi (2005, p. 87) ressalta que a “especificidade da Análise do Discurso está em que o objeto acerca do qual ela produz seus resultados não é um objeto só linguístico, mas um objeto sócio-histórico”.

Um sujeito, nos mais distintos agrupamentos de que faz parte, emprega universos simbólicos na expressão de valores sociais, morais, culturais e políticos, de modo que se estabeleça entre ele e seu grupo uma coesão e uma interação permeada pela comunicação.

A análise de discurso permite avançar, ir além das estruturas morfossintáticas de um texto, explicitando-se os diversos sentidos das representações sociais no organismo social representado pela linguagem. Barros (2001, p. 99) explicita que ao enunciador “é oferecida a possibilidade linguística de jogar com conteúdos implícitos ou explícitos, pra fazer passar os valores e deles convencer o enunciatário”.

Trata-se de uma identificação social ou cultural por meio de adoção de determinados símbolos no discurso – no caso os empréstimos, como ferramenta de identificação entre o objeto do discurso e a sua valorização atribuída à menção de uma língua considerada elitizada. O empréstimo da língua inglesa no Brasil contemporâneo, dessa forma, representa mais que uma necessidade: falar inglês é mostrar-se um indivíduo superior aos outros, capacitado para falar essa língua elitizada. Para Brandão (2004, p. 42), “os processos discursivos constituem a fonte da produção dos efeitos de sentido no discurso e a língua é o lugar material em que se realizam os efeitos do discurso”, de modo que um estrangeirismo seja a fonte desse efeito para os ouvintes.

Considerando-se que a identificação semântica de vocábulos de língua estrangeira – e mesmo a sua correta pronúncia – não sejam de domínio de grande parte da população, o emprego de estrangeirismos sem necessidade denuncia uma busca de sofisticação e de elitismo. Em se tratando de anglicismos, mais especificamente, pode-se

LÉXICO E SEMÂNTICA

associar a essa busca a tentativa de aproximação de uma sociedade que se observa mais próspera que a do Brasil.

Imitação ou identificação, usar termos em inglês soa como sofisticação e elegância por parte do falante. Para ele, ser moderno, estar na moda, ser atual é usar os mesmos termos que o país de referência usa. Qualquer modificação formal em benefício do acervo lexical brasileiro desconfiguraria, portanto, a elegância das unidades lexicais inglesas.

Num mercado global, não apenas as relações econômicas, mas as informações e os valores se difundem largamente em todos os continentes. Raças, línguas, religiões se tornam mundialmente divulgadas, como se todas as particularidades que foram tecidas ao longo do tempo hoje estivessem totalmente esgarçadas.

Fielmente ligados à noção de aldeia global, que é tida como “uma expressão da globalidade de ideias, padrões e valores sócio-culturais, imaginários” (Ianni, 2004, p. 119), os meios de comunicação podem expandir suas influências em todos os aspectos. Eles detêm um determinado controle sobre como determinados fatores nacionais, regionais, locais ou mundiais que serão difundidos mundo afora.

Ferramenta que beneficiou o processo de globalização, ao eliminar fronteiras e barreiras para a comunicação com outras nações, a Internet acelerou a autonomia entre os povos de cada região, tornou dinâmico o processo de ensino e aprendizagem e influenciou o desenvolvimento social e moral das pessoas. Imaginem-se milhares de informações acessíveis a indivíduos pertencentes às mais diferentes culturas, nos mais diversos lugares.

Participar desse processo de globalização exige competência intercultural, uma vez que as pessoas sentem a necessidade de adaptar-se a diferentes estilos de ser, de operar e de comunicar-se. Essa competência implica conhecer outras culturas e as diversas maneiras como as pessoas se comunicam.

[...] sempre se pensou que só pode haver um único motivo para alguém querer aprender uma língua estrangeira: o acesso a um mundo melhor. As pessoas se dedicam à tarefa de aprender línguas estrangeiras porque querem subir na vida. A língua estrangeira sempre representou

prestígio. Quem domina uma língua estrangeira é admirado como pessoa culta e distinta (Rajagopalan, 2003, p. 65).

O estrangeirismo, por conseguinte, deixa de ser mera necessidade e passa a ser um mecanismo de inclusão ou de exclusão de indivíduos numa determinada esfera social. As sociedades dominantes sabem de sua capacidade de imposição de determinados valores e o estrangeirismo passa a se constituir ferramenta de discursos globalizados.

A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA NO CONTEXTO SÓCIO-CULTURAL

A vida do ser humano está intimamente associada ao processo de comunicação, e o aprimoramento da capacidade comunicativa acompanha a própria evolução humana. À medida que amplia seu relacionamento com o mundo, o ser humano aperfeiçoa e multiplica a sua capacidade de comunicação, envolvendo palavras, sons e imagens. Textos verbais e não-verbais interagem e contribuem para a apresentação oral e escrita das sociedades.

A língua é um código desenvolvido pelo homem para a transmissão de pensamentos, de ideias, para a interação entre os indivíduos. Para Cereja e Magalhães, a língua:

Pertence a todos os membros de uma comunidade. Como ela é um código aceito convencionalmente, um único indivíduo não é capaz de criá-la ou modificá-la. [...] A língua evolui, transformando-se historicamente. Por exemplo, algumas palavras perdem ou ganham fonemas, outras deixam de ser utilizadas; novas palavras surgem, de acordo com as necessidades, sem contar os “empréstimos” de outras línguas com as quais a comunidade mantém contato. (Cereja; Magalhães, 1999, p. 07)

A língua constitui, pois, um código mutável que integra as relações humanas e que, ao mesmo tempo em que sofre modificações, participa das mudanças nas sociedades. Esse patrimônio social é responsável pela possibilidade de se preservar o conhecimento e de transmiti-lo a outras gerações.

LÉXICO E SEMÂNTICA

Língua, sociedade e cultura

Como entidade social a língua, é definida como “[...] um conjunto de regras fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas, que determinam o emprego dos sons, das formas e relações sintáticas, necessárias para a produção dos significados”. (Lopes, 2001, p. 58). Este conceito difere da definição dada por Elia, em que se lê que “[...] língua é o falar de uma comunidade, estruturalmente diferenciado, portador de apreciável tradição cultural e reconhecido oficialmente por um Estado como forma de comunicação em suas relações internas e externas”. (Elia, 2000, p. 28)

Em se tratando de aspecto social, ressalta-se que o caráter social de uma língua é entendido como um sistema de signos convencionais que são facultados aos membros de uma sociedade para a possibilidade de comunicação, constituindo-se o papel mais importante hoje nas relações humanas.

O caráter social da língua é facilmente percebido quando levamos em conta que ela existe antes mesmo de nós nascermos: cada um de nós já encontra a língua formada e em funcionamento, pronta para ser usada. E, mesmo quando deixarmos de existir, a língua subsistirá independentemente de nós (Terra, 1997, p. 20).

Uma vez interagentes, não se delimitam de forma clara as relações entre língua, cultura e sociedade: é difícil estabelecer onde uma começa e a outra termina, já que se estabelece uma relação íntima entre esses elementos. Consequentemente, a língua de uma sociedade reflete seu modo de ver o mundo e, por meio dela, observam-se determinados aspectos como os valores e os costumes de um agrupamento ou mesmo a sua interação com outros grupos. O estudo de uma língua deve considerar fundamentalmente os contextos socioculturais em que ela se apresenta, pois essa estrutura apresenta elementos básicos e, muitas vezes, determinantes para as variações de linguagem. Essa contextualização permite explicar ou mesmo justificar fatos que, apenas linguisticamente, seriam difíceis ou até impossíveis de se determinarem. O enunciado, portanto, está intrinsecamente associado à ambientação de que faz parte, promovendo interação entre seus interlocutores. E, se, por um lado, o contexto social interfere nas variações linguísticas, por outro a função que a língua exerce na sociedade determina a importância da sua aquisição, fazendo com que sua aprendizagem seja de suma importância para que o

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

indivíduo também faça parte do contexto social. A sociedade, portanto, existe através da linguagem e é representada pela junção de língua e cultura. De acordo com Maingueneau, a linguagem:

Seria a capacidade de comunicação oral, e as línguas seriam as formas particulares por meio das quais cada comunidade, cada sociedade ou grupo social realiza a linguagem. A questão do social, portanto, está diretamente ligada à noção de língua, porque é a noção de sociedade que vai permitir a delimitação desse particular que é a língua, à vista do universal que é a linguagem (Maingueneau, 2002, p. 41).

A relação entre a cultura e a linguagem, tão ampla quanto complexa, abrange desde a consideração de que as estruturas linguísticas possam se edificar a partir de uma situação cultural até a afirmação, em sentido contrário, de que os costumes linguísticos de determinados grupos tenham moldado fundamentalmente a cultura desses povos. Ou seja, a linguagem modifica a cultura e esta modifica aquela.

Vale salientar que os seres humanos dela fazem uso, modificam-na, mas não a detêm para si ou não a possuem isoladamente. Para Hall:

A língua é um sistema social e não um sistema individual. Ela preexiste a nós. Não podemos, em qualquer sentido simples, ser seus autores. Falar uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais; significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa cultura e em nossos sistemas culturais. (Hall, 2006, p. 40).

Essa relação intrínseca constitui arranjo fundamental nas atividades cotidianas e a mudança que se processa, tanto na cultura quanto na língua, seja por eliminação, acréscimo ou modificação de elementos, ocorre de forma ininterrupta e involuntária. Os indivíduos reestruturam aspectos linguísticos e valores morais, por exemplo, muitas vezes sem perceber.

Essa cultura nacional abrange, portanto, a padronização de valores e a singularização de costumes, assim como a adoção de uma linguagem unificada. A movimentação do homem por territórios vizinhos e as suas viagens de exploração culminaram, entretanto, numa troca de informações crescente e numa inevitável transfiguração sócio-cultural.

LÉXICO E SEMÂNTICA

O discurso se torna elemento de disseminação de valores e de ideologias de uma sociedade, de modo que as sociedades receptoras não apenas aceitem, mas passem a adotar a influência desse grupo social. Para Barros:

A ideologia dominante é tão abrangente que torna as demais organizações do saber fragmentárias e muitas vezes contraditórias, pois incorporam elementos da representação dominante. O grau de coerência e abrangência dos sistemas ideológicos não é, assim, o mesmo nas diferentes concepções de mundo (Barros, 2001, p. 150).

Essa influência pode ter muitos significados, uma vez que as relações entre os grupos sociais se fazem não apenas por interesses econômicos. Mas em qualquer situação é a cultura que acaba se transformando, acrescentando ou modificando elementos. Embora a língua não sofra influência na mesma intensidade, modificações surgem – como é o caso dos empréstimos linguísticos ou do estrangeirismo.

CONCLUSÃO

Compreender a adoção do estrangeirismo como resultado da inserção de elementos culturais por meio das ferramentas do contexto linguístico é considerar que língua e sociedade estão intrinsecamente relacionadas e que não se pode sustentar uma sem a presença da outra.

Na verdade, o estrangeirismo não constitui uma realidade isolada. Ele surge inserido nas estruturas frasais da língua portuguesa, muitas vezes hibridamente flexionados. O estrangeirismo participa, pois, dos próprios processos culturais e da convergência de interesses cerceada pela imposição da mídia.

Nesse sentido, quando uma sociedade privilegia a inserção de valores de outra sociedade em seu contexto sócio-cultural, a adoção desses valores representa a vontade de tornar tal contexto o mais semelhante possível da ambiência vislumbrada.

A evolução histórica do Brasil bem demonstra como essa valorização de elementos pertencentes a outras sociedades está arraigada: o período de colonização supervalorizou o estilo de vida português, indubitavelmente; em seguida a França passou a ser o modelo a

ser seguido. Mais à frente os Estados Unidos passaram a ser o alvo dessas aspirações.

Dentro do próprio país essa tendência é uma constante: as capitais ditam valores para as outras cidades, estados como São Paulo e Rio de Janeiro são referências para o resto do país. Essa valorização de determinadas culturas em detrimento de outras é reforçada pela mídia, que difunde largamente essa forma de imposição.

Mesmo em contextos mais específicos essa tendência é uma constante: a prática de esportes ou a participação em determinados grupos sociais tende a mitificar valores e a valorizar determinados costumes. Assim, não apenas roupas e linhas de pensamento são adotadas por esses agrupamentos, mas a própria linguagem se faz modificada.

Um dos elementos mais constantes nessa adoção de outros valores culturais é a aquisição de empréstimos linguísticos, que, se, inicialmente, representava a necessidade de se utilizar um vocábulo estrangeiro pela falta de equivalente na língua portuguesa, passou a ser empregada como recurso de afirmação de identidade cultural.

Usar o empréstimo linguístico seria, então, uma opção mais por imposição de uma estrutura que por consciência. Se, por um lado, isso representa modificação da linguagem, por outro representa um enriquecimento cultural.

De qualquer forma, é interessante ressaltar que não se pode, num mundo cujo funcionamento tem se globalizado e cujas relações se fazem por meios como a televisão e a Internet, isolar completamente uma cultura ou uma língua. Mais importante seria tornar os usuários dessa língua cientes do fenômeno para que essa adoção de estrangeirismos seja uma opção meramente. É preciso ter essa consciência para que se faça melhor uso de tão rica troca.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 2001.
- BRANDÃO, Helena H. N. *Introdução à análise do discurso*. 2ª ed. rev. Campinas: Unicamp, 2004.

LÉXICO E SEMÂNTICA

CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Princípios de linguística geral*. Rio de Janeiro: Padrão, 1989.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português: linguagens. Literatura, produção de texto e gramática*. 3ª ed. São Paulo: Atual, 1999.

ELIA, Silvo. *A língua portuguesa no mundo*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2000.

GARCEZ, Pedro M.; ZILLES, Ana Maria S. Estrangeirismos: desejos e ameaças. In: FARACO, Carlos Alberto (Org.). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. 3ª ed. São Paulo: Parábola, 2004, p. 15-30.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IANNI, Octavio. *Teorias da globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

INFANTE, Ulisses. *Curso prático de gramática aplicada aos textos*. São Paulo: Scipione, 2001.

LOPES, Edward. *Fundamentos da linguística contemporânea*. 17ª ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2002.

ORLANDI, Eni P. *Discurso e texto: formação e circulação dos sentidos*. 2ª ed. Campinas: Pontes, 2005.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola, 2003.

TERRA, Ernani. *Linguagem, língua e fala*. São Paulo: Scipione, 1997.

ZILLES, Ana Maria S. Ainda os equívocos no combate aos estrangeirismos. FARACO, Carlos Alberto (Org.). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. 3ª ed. São Paulo: Parábola, 2004. p. 143-161.